

ANNO I

RIO DE JANEIRO

N. 9

# REVISTA

DA SOCIEDADE

## PHENIX LITTERARIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Urbano Duarte, Antônio Silveira, Lauro Sodré,  
Paulo Marques e M. Valladão

SETEMBRO DE 1878

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO

Rua d'Ajuda n. 61, chacara da Floresta.

ANNO I

RIO DE JANEIRO

N. 9

# REVISTA

DA SOCIEDADE

## PHENIX LITTERARIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Urbano Duarte, Antônio Silveiro, Lauro Sodré,  
Paulo Marques e M. Valladão

SETEMBRO DE 1878

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO

Rua d'Ajuda n. 61, chacara da Floresta.

trilhamos; se prevês, como nós, o oásis juncado de louros, onde, no termo de nossa viagem, colheremos os mais saborosos frutos; se também te douram a imaginação esses sonhos fascinadores que tanto embevecem a mocidade crente, esse céu límpido que ella aspira, essa aurora feiçoenta que ella crêa; se, finalmente, não te é indiferente esta cúpula azulada e crivada de estrellas — a que se chama firmamento, este lençol fluctuante e bordado de perolas — a que se chama mar, este tapete avelludado e rico de brilhantes — a que se chama terra, esta visão matutina, alma de tudo isto — a que se chama poesia; porque nos deixaste sós até aqui; porque não te reuniste a esta pequena caravana, e, vendo-a passar exangue de fadiga, nem ao menos lhe offereceste um ceatil de provisão, uma gôta d'agua, um raio de calor?

« Com as vestes rotas e com bordão de romeiro, passamos, no principio de nossa jornada, pela tua tenda; te contamos o nosso sonho, te mostramos o nosso ramo, te dissemos as nossas dificuldades, e te convidamos a partir commosco. Tua porta não se fechou — a abriste de par em par; tua physionomia não se contraheo — a compuzeste com o riso e com a alegria: acariciaste nossa idéa, aqueceste nosso sonho, mas nos deixaste partir sós.

« Julgarias, porventura, uma chimera os nossos desgnios? »

— Não, senhores; não foi que eu tivesse descrido o ardor que vos animava, das forças que possuieis, da coragem que revestia os vossos corações ricos de fé, de esperanças e de vida. Eu vos explico :

O habito é, como muito bem dizem, uma segunda natureza. Tenho me acostumado á obscuridade : acho encantos no retiro, delicias no ermo, e poesia na mudez. Parece que o silencio me brada o que é grande, e que o ruido me cochicha o que é pequeno : a solidão — desperta minh'alma, as reuniões — a adormecem; a quietação — a faz voar, o movimento — a estaciona; o sol — lhe offusca, a lua — lhe brilha; de sorte que, acordada — é morta, dormindo — é viva. Essa alegria, esse ardor, tão proprios á mocidade; essas festas que vos transportam, esses prazeres que vos encantam — me entristecem : sinto-me frio quando me acho na atmosfera quente do entusiasmo, e muitas vezes, me abraso na frieza da solidão contemplativa a que me voto.



Quantas vezes, - em horas caladas e silenciosas da noite, debruçado sobre minha banca, tendo de um lado — a única vela que arde no alojamento, e de outro lado — um tinteiro, — sonhando ainda mesmo acordado, não sinto a alma a transbordar de affectos, de aspirações, de esperanças, e não confio à penna, que segreda ao mudo papel, estes affectos, estas aspirações, estas esperanças? Ora, me servem de inspiração — o sagrado amor de família, a santa gratidão a quem merece, a saudade de entes charos, a lembrança da infancia, a imagem do céo que me vio nascer, a recordação dos campos em que corri em menino, das penedias porque saltei, das fontes em que me banhei. Ora, minha inspiração é — a admiração pelo talento, o respeito pelo merito, a homenagem pela virtude, o entusiasmo pelos sentimentos nobres e generosos. Ora, finalmente, é — a lembrança do futuro, o desejo de um nome illustre, a esperança do porvir, o amor da gloria, em summa, que me transportam, que me deslumbra.

Quantas vezes, no entusiasmo de vossos folguedos, vendo-me à parte como planta exótica da mocidade, não tereis, sem me conhecer, formado um juizo temerario a respeito de minha indole, de meu character, e dito convosco: « é um fatuo, um impostor. »

No entanto sois injustos. Sou levado, involuntariamente, à tristeza nestas occasiões. No delirio do prazer, vedeis a vida pelo prisma de dourados sonhos, eu a sonho pelo prisma da realidade: em vossas almas a alegria, em meu espirito a reflexão — eu tenho, então, cabeça, vós tendes coração. Enquanto brincaes, eu converso commigo em segredo:—

O que será feito deste feliz grupo, desta hora a dez annos? Serão todos, igualmente felizes como agora? Gozaram, neste momento, desta mesma felicidade que lhes é commum — o velho pae, a carinhosa mãe, o irmão amigo, a irmã querida?

— Ai!... quão differente não será o destino de cada um?! A manhã!... a manhã, — este no apogeo da gloria, occupando uma bonita posição social, — aquelle, talvez, chafurdado na lama da ignominia; — este, no fausto, embriagado na riqueza, passando a manjares, — aquelle, porventura, na espelunca, afogado na miseria, tragando o amargo pão da esmola; — este, no baile, no theatro, — aquelle, quem

# REVISTA

DA SOCIEDADE

## PHENIX LITTERARIA



SUMMARIO. — Discurso da apresentação de um socio, (continuação). — Litteratura Americana. — De onde venho e para onde vou. — Poesias: Instrução; Escuta; No harem. — Chronica.

### Discurso

Lido na Sociedade Phenix Litteraria por Tito Amaral, quando apresentado como socio da mesma

(Continuação)

Na pequena animação que acabo de vos dirigir, dei fôlego à idéa de sociabilidade e o trabalho, mostrando a influencia poderosa que exercem no homem, e fazendo, com desbotadas palavras, sua apothese.

Estou lendo, em vossos olhos, a seguinte accusação, que, intimamente, me fazeis:

« Se elevas tanto estas duas idéas, que são a peanha, onde se assentam os symbolos do bello, do bom e do perfeito; se derramas flores, no caminho de cardos porque



trilhámos; se prevês, como nós, o oasis juncado de louros, onde, no termo de nossa viagem, colheremos os mais saborosos fructos; se também te douram a imaginação esses sonhos fascinadores que tanto embevecem a mocidade crente, esse céo limpido que ella aspira, essa aurora feiticeira que ella crêa; se, finalmente, não te é indifferente esta cupula azulada e crivada de estrellas — a que se chama firmamento, este lençol fluctuante e bordado de perolas — a que se chama mar, este tapete avelludado e rico de brilhantes — a que se chama terra, esta visão matutina, alma de tudo isto — a que se chama poesia; porque nos deixaste sós até aqui; porque não te reuniste á esta pequena caravana, e, vendo-a passar exangue de fadiga, nem ao menos lhe offereceste um ceitel de provisão, uma gôta d'agua, um raio de calor?

« Com as vestes rotas e com bordão de romeiro, passamos, no principio de nossa jornada, pela tua tenda; te contamos o nosso sonho, te mostramos o nosso rumo, te dissemos as nossas difficuldades, e te convidamos a partir connosco. Tua porta não se fechou — a abriste de par em par; tua physionomia não se contraez — a compuzeste com o riso e com a alegria: acariciaste nossa idéa, aqueceste nosso sonho, mas nos deixaste partir sós.

« Julgarias, porventura, uma chimêra os nossos designios? »

— Não, senhores; não foi que eu tivesse descrito do ardor que vos animava, das forças que possuíeis, da coragem que revestia os vossos corações ricos de fé, de esperanças e de vida. Eu vos explico :

O habito é, como muito bem dizem, uma segunda natureza. Tenho me acostumado á obscuridade : acho encantos no retiro, delicias no ermo, e poesia na mudez. Parece que o silencio me brada o que é grande, e que o ruido me cochicha o que é pequeno : a solidão — desperta minh'alma, as reuniões — a adormecem ; a quietação — a faz voar, o movimento — a estaciona ; o sol — lhe offusca, a lua — lhe brilha ; de sorte que, acordada — é morta, dormindo — é viva. Essa alegria, esse ardor, tão proprios á mocidade ; essas festas que vos transportam, esses prazeres que vos encantam — me entristecem : sinto-me frio quando me acho na atmosphera quente do enthusiasmo, e, muitas vezes, me abraço na frieza da solidão contemplativa a que me voto.



Quantas vezes, — em horas caladas e silenciosas da noite, debruçado sobre minha banca, tendo de um lado — a unica vela que arde no alojamento, e de outro lado — um tinteiro, — sonhando ainda mesmo acordado, não sinto a alma a transbordar de affectos, de aspirações, de esperanças, e não confio á penna, que segreda ao mudo papel, estes affectos, estas aspirações, estas esperanças? Ora, me servem de inspiração — o sagrado amor de familia, a santa gratidão a quem mercede a saudade de entes charos, a lembrança da infancia, a imagem do céo que me vio nascer, a recordação dos campos em que corri em menino, das penedias porque saltei, das fontes em que me banhei. Ora, minha inspiração é — a admiração pelo talento, o respeito pelo merito, a homenagem pela virtude, o enthusiasmo pelos sentimentos nobres e generosos. Ora, finalmente, é — a lembrança do futuro, o desejo de um nome illustre, a esperança do porvir, o amor da gloria, em summa, que me transportam, que me deslumbram.

Quantas vezes, no enthusiasmo de vossos folgedos, vendo-me á parte como planta exotica da mocidade, não tereis, sem me conhecer, formado um juizo temerario a respeito de minha indole, de meu character, e dito convosco: « é um fatuo, um impostor. »

No entanto sois injustos. Sou levado, involuntariamente, á tristeza nestas occasiões. No delirio do pra-zer, vedes a vida pelo prisma de dourados sonhos, eu a sonho pelo prisma da realidade: em vossas almas a alegria, em meu espirito a reflexão — eu tenho, então, cabeça, vós tendes coração. Enquanto brincaes, eu converso commigo em segredo:—

O que será feito deste feliz grupo, desta hora a dez annos? Serão todos, igualmente felizes como agora? Gozarão, neste momento, desta mesma felicidade que lhes é commum — o velho pae, a carinhosa mãe, o irmão amigo, a irmã querida?

— Ah!... quão differente não será o destino de cada um?! A manhã!... a manhã,—este, no apogéo da gloria, occupando uma bonita posição social, — aquelle, talvez, chafurdado na lama da ignominia; — este, no fausto, embriagado na riqueza, passando a manjares, — aquelle, porventura, na espelunca, afogado na miseria, tragando o amargo pão da esmola; — este, no baile, no theatro, — aquelle, quem

sabe?... no carcere, na masmorra ; — este vivendo feliz e venturoso, — aquelle expirando pobre e desgraçado ; — este orando no templo de Deos, — aquelle gemendo no templo das dores !

Destino vario da creatura humana !...

Não precisa transportarmos-nos ao dia de a'manhã. Vejamos hoje, n'esta hora, neste minuto, neste mesmo instante : quem sabe se, enquanto este ri, — seu velho pae não chora ? se, enquanto aquelle espreche, — sua carinhosa mãe não carece ? se, finalmente, enquanto aquelle outro dissipa, — seu irmão, sua irmã não precisam ?

De mais, — como são passageiros os prazeres, os enthusiasmos e as venturas da vida ? !

Ai!... Se a felicidade fosse permanente ! Se a ventura fosse uma semente rica de seiva que, uma vez em contacto com as fibras do coração, germinasse e estendesse suas raizes n'alma humana, de sorte que a fonte devoradora do tempo não podesse ceifar a mais fina de suas radículas ! Se a alegria, — semelhante á atmosphaera que envolve o nosso globo, semelhante á aureola que circunda os astros, semelhante ás estrellas que vestem o céu, semelhante á intelligencia que nutre o genio, á coragem que robustece o heróe, á virtude que alimenta o justo, — sempre envolvesse, sempre circumdasse, sempre vestisse, sempre robustecesse, sempre alimentasse a alma humana ! Se, finalmente, os prazeres não azedassem, não apodrecassem e não se extinguissem, — como se extingue a luz que nos allumia. — como apodrece a flôr que cheiramos, — como azeda o fructo que saboreamos !

Mas ah ! nubilidade humana !...

Ridicula sciencia, fatuos homens, presumidos sabios, — onde se acha a vossa luz, — onde o vosso poder, — onde a vossa sabedoria ?

Ai ! de vós que sois nada ! Ai ! de vós que nada ensinaes, que nada podeis, que nada sabeis !

Se sois grandes, se sois sabios, se sois poderosos, — tornai permanente a felicidade, — dissipai o vicio, — afugentai a pobreza, — destrui as dores, — dizei o que é a vida, — acabai com a morte.

— Não o podeis !

E' nesta desordem que está a harmonia, é nesta confusão que está a ordem, é neste impuro que está o immacu-



lado, é neste mal que está o bem, é neste pequeno que está o infinito, é neste silêncio que se ouve a voz, é nesta noite que se vê o dia, é neste inferno que está o céu, é neste caos que se vê — Deos !!!

Aqui, parou o fio de meus pensamentos, que, pouco a pouco, foram subindo em espiraes, como o fumo do thurbulo de sagrado templo, — do charco à campina, — da campina ao valle, — do valle à serra, — da serra às nuvens, — das nuvens aos astros, — dos astros aos céos, — dos céos a Deos, — esta Lettra de fogo brilhante e indelevel n'alma do crente, — este Enigma de gelo, offusco e apagado aos olhos do athéo.

Rio, 9 de Agosto de 1878.



## Litteratura Americana

Ainda resoavam os applausos com que fôra saudada a ligação do Brasil aos Estados Unidos, por meio de uma linha regular de paquetes; ainda o commercio e a industria sentiam-se como que deslumbrados pela nova aurora que lhes vinha de surgir; ainda o povo brasileiro apertava a dextra que lhe estendia o seu irmão d'America do Norte, em signal de annuencia na partilha das grandes idéas, quando d'alli nos chega a noticia de haver fallecido, na idade de oitenta e quatro annos, victimo de um accidente, o notavel poeta e jornalista — William Cullen Bryant!

Nascido no continente americano, proprietario e principal redactor de um jornal — o *Evening Post* — custa a crer que o seu nome fosse quasi que desconhecido no Brasil, não obstante possuir sobejas qualidades dignas de merecerem a nossa attenção.

Não podemos attribuir isto senão ao desprezo que nos é

peculiar por tudo o que de perto deveríamos conhecer e estudar, e ao afan com que nos atiramos á tudo o que nos exporta a velha Europa, até mesmo aos resíduos de seus vastos e innumeros laboratorios. Com effeito; deixando de lado tudo o mais, e nos restringindo semente ao movimento litterario, quasi que podemos affirmar de um modo absoluto não haver brasileiro algum que não tenha ouvido fallar de Byron e Shakspeare, de Victor Hugo e Lamartine, de Garrett e Alexandre Herculano, e de muitos outros escriptores, poetas e litteratos do velho continente, ao passo que bem poucos sabem quem foi Bryant, um dos grandes poetas modernos e « o mais americano de todos os poetas americanos », no dizer de um nosso illustre conterraneo (1) que ha tempos reside em New-York.

Seria que Bryant não fosse digno de hombrear com muitos dos poetas e litteratos europeus que a cada passo estamos a citar? Seria que o seu genio fosse tão esteril a ponto de nada produzir digno de menção?

Não, de certo!

Não é esteril, nem mesmo vulgar, o genio que aos doze annos de idade tem produzido dois poemas, um dos quaes, *The Embargo*, é considerado uma celebre satyra politica; não é esteril o genio que produz tres volumes de primorosas poesias e que verte para a lingua de seu paiz a *Iliada* e a *Odysséa*; não é esteril o genio que por espaço de dez annos percorre os intrincados labyrinthos da sciencia do direito, pouso n'uma banca de advogado e d'ahi honra o fóro de New-York; não é esteril o genio que se põe á frente da redacção de diversos jornaes da grande União Americana, e nesse posto discute com vantagem questões politicas, sociaes e litterarias; finalmente, não é esteril o genio que se revela de modo tão brilhante em tão variadas applicações do espirito humano!

Não temos em mira escrever a biographia do illustre finado, nem mesmo a sua necrologia: é isto tarefa superior ás nossas forças e que só pode ser desempenhada por pennas mais habéis do que a nossa.

Quando muito, pretendemos render uma pequena home-

---

(1) O Dr. J. C. Rodrigues, proprietario e redactor do *Novo Mundo*.



nagem á sua memoria ; e para isto nos serviremos dos seus proprios escriptos.

Dentre estes, são apontados como obras-primas os seguintes: o *Cadaver do Selvagem*, a *Jovem India na sepultura de seus avós* e os *Monumentos da Montanha*.

Emitir isoladamente nossa humilde opinião sobre elles — seria nada dizer ; por isso citaremos aqui a de pessoas competentes, principiando pela de M. Philarrète Chasles.

Eis o que nos diz este illustre professor, quando, estudando a litteratura e os costumes dos anglo-americanos no seculo XIX, se refere á Bryant: « Plus philosophique que pittoresque, l'expression des sensations mélancoliques que fait naître l'aspect des forêts et des lacs, trouve un doux écho dans ses vers. Le sublime n'est point de son domaine ; son charme spécial est une pensive et chaste tristesse qui s'associe aux objets naturels et aux êtres de la création ; il les aime et la piété modeste qui se mêle à cette affection respire une grâce pathétique. »

E, notemos bem, este juizo é o de um homem que diz : « Pour conserver la pureté de leur style, les écrivains américains sont forcés de tenir leur regard constamment fixé sur la mère-patrie, où se trouvent leur type et leur modèle. »

E', pois, o juizo de um europeu sobre as cousas americanas, juizo em que, atravez da capa da benevolencia, transluz sempre a pretendida superioridade de raça, de intelligencia de tudo !

Oucamos agora a palayra de um nosso illustre patricio, o Dr. J. C. Rodrigues, acerca d'aquelle que em vida foi seu collega na imprensa de New-York :

« Mas o grande merito do poeta é a sua originalidade. Elle descreve a paizagem e os tipos americanos com grande peculiaridade local de imagens, e nas suas paginas como que se resente a magnitudé, a virgindade e o cheiro das mattas americanas. »

E agora, que de algum modo já temos predisposto o espirito daquelles que nos lêem, e que nos achamos escudado com juizos como os que acabamos de citar, passaremos aos extractos que fizemos das obras do poeta.

E' do poema as *Idades* — os que se seguem:

« America! Verdejante terra das campinas, das cataractas e dos bosques espessos! Mãe de fontes immensas e destas montanhas de cimos inaccessiveis para nós; a noite que outr'ora te cobria — bem cêdo foi dissipada!

Uma inesperada aurora surgiu-te do Occidente civilizado; ainda ha bem pouco tempo a cupula movel das florestas era a unica que a vista distinguia ao longe sobre tuas plagas. Alli uivava o lobo feroz; alli se precipitava o touro selvagem; além — os braços nus e bronzeados do indio guiavam a canôa sobre o lago immenso. Seu collar e seu *enduaque* atrahiam os raios do sol, e a leve canôa fugia sobre a onda como o passaro nos ares.

Ah! eras então um paraíso de verdura; uma terra de veredas ainda não exploradas, que protegia com seus obstáculos infindos a immensidade das florestas.

Valles, collinas, montanhas, tudo se occultava sob essa roupagem de folhas, que ainda ninguem havia erguido, onde nunca luzira os raios do sol do Outono e onde só penetrava o furacão, quando, na sua cólera, abatia os vellos gigantes das florestas e despedaçava seus troncos de cascas pardacentas, brunidas pelos seculos. Essas sombrias solidões (quem o diria?) tinham também suas delicias; havia sob essa folhagem abrigos cheios de encantos — asylos de uma belleza arrebatadora. Alli se estendia o lençol azul das aguas do lago, onde se via mergulhar o *castor* industrioso, e onde o *gamo selvagem* vinha matar a sede; mil remos flexiveis atiravam ao longe a espuma das aguas. A briza agitava o *milharal*, carregado de espigas douradas; a aldeia indigena se erguia neste lugar encantador, mansão da paz, da innocencia, da solidão e da graça natural; e não obstante, era alli que o indio amarrava o seu prisioneiro, que o votava ao sacrificio, que o entregava á morte e o queimava vivo. Após, vinha a vingança do homicidio, mais horrivel que o proprio homicidio; esta pacifica aldeia, incendiada pelo inimigo, transformava-se n'um montão de ruinas, diluidas em sangue; a creança, no seio em que era amamentada, a jovem mãe e o velho guerreiro, tombavam aos golpes do *tomahawk*. (1)

(1) Espécie do *tacape*, ou *ivarapema* do nosso gentio.



Um mar de flammæ rolava no valle; cêrcas destruidas  
árvores quebradas, ossadas esparsas, tal era a aldeia indi-  
gena; não mais a fumaça coroando com a sua grinalda de  
vapores a cabana selvagem; não mais a canôa sobre o lago;  
não mais o remo cortando suas ondas! O silencio invadia  
o valle deserto; esta civilização ainda tão fraca se extin-  
guia n'um momento. Viajor, contempla agora! Alli fluc-  
tuava a canôa do selvagem; milhares de velas que o vento  
enfuna e agita, se amainam hoje no seio da mesma bahia  
que encerra o commercio do mundo inteiro. Uma raça  
nova povoa essas regiões; a floresta recua; a civilização  
avança; as cidades surgem; as searas nascem por todas  
as partes.

Por todas as partes se descobrem novas fontes e novos  
rios, cujas agnas, encobertas ha seculos pela folhagem,  
nunca tinham reflectido o céu!

A civilização invade todo o paiz, semelhante ao incendio  
rapido que devora as arvores do outono.

Alli cahem as ultimas cadeas da humanidade; alli o  
genio da nossa raça se desenvolve, emfim, livre e sem  
entraves.

Quem açaimará o gigante? Quem o forçará, corsél  
indomito, a aceitar o freio e as redeas? Quem podera  
moderar sua força e suspender seu impulso?

Ninguém. Nas profundezas do futuro, eu vejo este  
impulso augmentar; o comêta lançado atravez do espaço,  
segue um caminho menos certo e menos luminoso. »

E assim continua o poeta, deixando em cada pagina que  
escreve o rastro brilhante do seu talento.

Apreciemol-o ainda na piedosa contemplação do *Ca-  
daver do Selvagem*.

« Este não conheceu em vida nem as grandes cidades  
nem as artes que as embellecem.

A mão que creou nossa raça a formou de elementos pri-  
mitivos e de uma nova argila; suas relações com a natureza  
foram mais intimas; sua sympathia com a terra, o céu e  
as agnas foi mais profunda e mais natural do que as nossas.  
O frio e o calor não exerciam sobre elle a influencia tyran-  
nica que exercem sobre nós. Elle desafiava a tempestade

que nos faz tremer; afrontava a cataracta e se confiava à suas ondas ferventes. »

Pode haver nada de mais tocante, de mais expressivo e de mais verdadeiro?

Como se anima a inspiração do poeta ante os esplendores da natureza americana, sempre nova, sempre cheia de encantos!

Com que suavidade nos falla elle dessas mattas que são « o atelier das fadas, atelier onde vegeta o diamante e brotam o topazio e a amethysta! »

Em summa; Bryant não foi simplesmente um poeta; foi um poeta patriota: Trabalhou com affinco para que a litteratura de seu paiz tivesse um cunho proprio — feições características que a tornassem mui distincta da litteratura da mãe-patria.

Sacrificou á esta idéa todas as vantagens que podia tirar da advocacia, para se entregar inteiramente ao jornalismo e á litteratura.

Se não conseguiu o desempenho da tarefa — deixou-a bastante adiantada; deu um exemplo digno de ser imitado.

E nós, que tambem somos americanos, que tambem desejamos a completa emancipação da nossa litteratura (se é que a temos) sentimos de coração o desaparecimento de batalhadores dessa tempera.

Meditando-se agora sobre a natureza dos dois paizes, vê-se que existem entre elles muitas relações de semelhança, e que assim como no Brasil Gonçalves Dias, Alencar e Magalhães tiveram cantos e poemas para o selvagem repellido pela civilização, Bryant, nos Estados Unidos, tambem os teve.

E' que os dois colossos d'America nasceram irmãos, não só pela fertilidade do solo, pela extensão do territorio, pela imponencia das mattas, pela magestade dos rios, pelo fremir das cascatas, mas tambem pela auréola do genio que fulge sobre a fronte de seus filhos.

Falta-nos ainda, é verdade, a iniciativa e o bom senso daquelle povo viril, que não trepida em vencer obstaculos para penetrar nos mais reconditos dominios do commercio e da industria; mas se, no dizer de M. Philaret Charles, a



luta do povo americano contra a natureza ainda não está terminada; se todo o passado deste povo, nascido hontem, data da vespera, o que não se dirá do povo brasileiro, nascido muito depois do seu irmão d'America do Norte, do povo que só quarenta e seis annos mais tarde conseguiu libertar-se do jugo metropole e tomar parte na grande communhão das nações civilizadas?

Aguardemos o futuro; mas que esse progresso material tão almejado e de que, de facto, carecemos, não venha de modo algum prejudicar o desenvolvimento da litteratura patria, como, na opinião de muitos escriptores, tem acontecido nos Estados Unidos. — São os nossos votos.

Julho de 1878.

M. VALLADÃO.

---

## De onde venho e para onde vou

AO AMIGO TITO AMARAL

### I

#### ILLUSÕES DA INFANCIA

Venho do nada, das trevas, da ignorancia, da innocencia, d'um sonho emfim.

Sim, venho d'um sonho.

Profundo somno dormia; depois, menos profundo; depois, ainda menos; por fim, sonhei:

Era n'uma manhã de primavera; o sol surgia esplendido, derramando luz sobre a terra, e tingindo de purpura as nuvens do céu; a briza perpassava fagueira, espargindo

aromas e balouçando, brandamente, os leques das palmeiras; bandos de melodiosos passarinhos passavam, pelo espaço, em algazarra harmoniosa; nos arvoredos, gorgeariam outros, desferindo lindas canções, e esvoaçando de galho em galho, de fructa em fructa; aqui, o formoso *corrupião*, em cantos sonoros, expandia seus queixumes; ali, o lindo *canario* produzia sublimes melodias; além, o *sabid* das mattas, rei dos cantores, saudava ao astro do dia, rei do universo.

Reinava alegria sobre a terra: o sitio, onde me achava, era um paraíso, um lugar de delicias; a natureza trajava-se de galas e esplendor; o dia era alegre e festivo; o céu — azul; a terra — calma; por toda a parte — flores, perfumes e harmonias.

Por entre um bosque de copadas mangueiras, *mamoiranas*, e arvores colossaes, formoso regato, de aguas crystallinas, deslizava-se sobre um chão d'areia, e, em seu doce ciciar, segregando amores, fallava ás gentis *botões-d'oiro*, candidas angelicas, delicadas flores campestres, que, adornando-lhe as margens, debruçavam-se para beijal-o em sua passagem; adiante, espraiava-se em plano lagedo, como para descansar; depois, quebrando-se de pedra em pedra, de gróta em gróta, produzia suaves borborinhos — hymnos d'amor; além, precipitando-se em cascatas, levantava borbulhões de espumas, alvas como nuvens, brilhantes como *chrystaes*.

A' direita, vasto laranjal em flor, e á esquerda, primoroso jardim, misturavam seus perfumes, embalsamando o ar; adiante, verde campina se alongava, e, como o mar, estendia-se a perder de vista.

A' pouca distancia d'ahi, n'uma sombra agradável, recostada ao tronco de frondosa *jagueira*, estava uma mulher sentada: era linda como a *Madona* de *Raphael*, celestial como a *Mãe* do *Christo*; era mais que uma mulher, pois era mãe, portanto — *Divindade*.

Tinha no cóllo um anjo louro, para quem ternamente sorria, e, carinhosa, beijava-o; bem perto, em baixo de pittoresca latada de *maracujis*, outros anjinhos formosos brincavam e corriam, perseguindo as borboletas, que, esvoaçando em cardumes, adejavam de flôr em flôr.

A terna Mãe, cercada de seus filhinhos, contemplava a criação, e ensinava-lhes a pronunciar o nome de Deus.



Passa uma borboleta seductora ; o anjo louro deixa o regaço materno, e, como os outros anjinhos, corre : quer agarral-a.

A candida criança fôra, realmente, seduzida pela mais linda das borboletas : era grande, maior que todas as outras ; suas cores resplandecentes eram tão vivas, tão bem esbaidas e combinadas, como nunca as vira um mortal ; tinha sobre as azas o azul celeste, puro, bem accentuado, terminando, para as pontas, em verde claro ; era toda matizada de pingos amarellos, que scintillavam como estrellas engastadas no firmamento.

Ignoro se o pobre anjinho fôra attrahido pelo céu, se pelo abysmo : o azul é a côr do céu, mas é também a côr do abysmo, a côr do mar ; o verde, symbolo da esperanza, é também a côr d'um veneno ; portanto, fico na duvida, não posso interpretar este sonho, não sei se a pobre criança corria para a felicidade, ou se para a desventura ; o que sei é que corria, e corria sempre...

Tomou a direcção da campina, e elle seguio-a ; pousava de quando em quando, mas, logo que elle estendia a mão-sinha para pegal-a, ella voava, ia pousar adiante ; elle corria atrás, e, quanto mais corria, mais ella se afastava.

A carinhosa Mãe, afflicta já por ver seu filho tão distante, bradava-lhe que voltasse ; mas, qual mariposa offuscada e attrahida pela chamma, elle era arrastado fatalmente : não podia voltar, corria sempre, até que, já cansado, tropeça e cahe.

E não cahe no chão ! Precipita-se, de grande altura, em fundo abysmo ! Vae descendo... descendo... descendo... até que baquêa!...

## II

### REALIDADE

Foi uma quêda terrivel !

Fica, por muito tempo, sem sentidos ; depois, desperta sobressaltado, banhado em suores frios, cansado e offegante ; olha em torno e nada vê ; circumda-o espessa escuridão !

O precipicio, em que cahira, era um antro profundo ; estava completamente murado ; nem uma fenda por onde entrasse um raio de luz !

Com tudo, por effeito da refracção, fraca claridade vem de cima, e a vista, habituando-se pouco a pouco, poude, enfim distinguir alguma cousa; então, tenta sondar aquellas trevas que o envolviam.

Apalpa a muralha: estava cheia de cavidades, e cavernas, que desprendiam cheiros pestilenciaes!

Afasta-se d'ella, e segue sem rumo.

A alguns passos, pisa n'uma cousa molle e elastica; olha, era um verme noento; passa adiante, e depara com um lodagal immundo; toma outra direcção, e encontra um buraco, um precipicio; desvia-se d'elle, e segue; a terra afunda-se sob seus pés. Só vê, por toda parte, vermes asquerosos, reptis noentos, insectos damnhos; aqui uma aranha hedionda, acolá uma vibora, adiante um cascave!... Enche-se de pavor, e, comtudo, avança sempre, sem norte e sem um guia, triste e só, pelo abysmo fundo!

Avança sempre e depara com um espectro medonho: era uma mulher velha, magra e esfarrapada; enche-se de terror, quer fugir, mas o espectro dirige-lhe a palavra: « Mancebo, onde vaes tão só? » « Não sei. »

« De onde vens? » « Ignoro. »

« Quem nos protege e guia n'esta caverna horrivel? » « Ninguém. »

« Oh! não sigas sosinho; estaes no abysmo — Realidade, e sereis devorado, se não tiverdes um guia; vinde commigo, que vos guiarei. »

« E quem sois, mulher? »

« Chamo-me — Experiencia: acompanhae-me. »

E o joven seguiu com a Experiencia.

Ella lhe ia mostrando e explicando tudo o que encontravam: Aquelle verme que rasteja, disse-lhe ella, tem grande prestigio e poder; vem vos agradar, correspondei a seus afagos, mas, estejaes prevenido, não perderà o ensejo de vos causar algum damno, — é o adulador; apezar de baixo e vil, passa bem, consegue tudo o que quer; se quizerdes ser feliz aqui, procurae imital-o.

« Aquella serpente, que arma o bóte, é a hypocrisia; fere ás occultas, parece humilde e é soberba; apezar de traiçoeira e venenosa, é respeitada, bem tratada e considerada por todos: sêde como ella. Vêde aquelle monstro? Tem a cabeça da serpente, as azas do morcego, o corpo da lagarta, a cauda da vibora e as garras do abutre; tambem



fere ás occultas; deixa o veneno por onde passa; é o mais temível de todos; toma mil formas: é o cupim dos monumentos, é a traça da historia, é a lagarta dos louros, é o verme que corroe os pedestaes, é — a inveja; é ella quem arma o amigo contra o amigo, o irmão contra seu irmão, o filho contra seu pai!... é ella o — abutre, que dilacera as entranhas do Prometheo — humanidade!...

« Todos estes entes abjectos se aninham nos corações dos homens! No mundo, só ha miseria e corrupção! Observae: lá está — o mendigo, ali — a messalina, acolá — a viuva abandonada, além — o orphão que pede pão!... Vêde d'aquelle lado uma virgem que chora! Observa e quanto é bella; é uma obra prima! Tem sobre o peito uma camelia, symbolo da innocencia e candura de seu coração; orna-lhe a fronte uma corôa de perolas; jorram melodias e brotam flores d'entre seus labios: seu hálito é perfume; mas... ah! é cega!... — E' a mulher involvida em trevas; quer luz, pede instrucção!

Vinde, agora, ver o que ha de mais execravel!... Eis um dragão terrivel, que se enrosca pelo corpo de um gigante esfarrapado! — E' a escravidão, que abate um povo; é a ignominia, que opprime a raça inteira! »

« Basta, mulher! Estou horrorisado; leva-me d'aqui; ensina-me o caminho! » « Não posso; o caminho que tendes de seguir, só te poderá ser indicado por minha irmã — a Sciencia; sómente ella conhece a senda da verdade; vou levar-te a ella. »

A Experiencia desceu por um subterraneo, e o joven a seguiu; por longo tempo andaram tateando nas trevas; depois, surgiram em outra caverna, onde havia alguma luz; pelo chão, aqui, além, por toda a parte, viam-se retortas, machinas, caldeiras, pilhas-electricas, etc.: estavam n'um laboratorio. A pouca distancia, uma mulher, já idosa, permanecia em completa abstracção; tinha na mão direita um giz, e na outra um compasso; — era a Sciencia.

Chegaram-se a ella brandamente, cautelosos e com respeito; a Experiencia ficou de pé, e o joven tocou humildemente na tunica da Sciencia.

J. FAUSTINO DA SILVA.

(Continua.)

## Instrucção

A' meu bom irmão e exellente amigo João de F. Machado.

Inda ha desertos medonhos  
Que perpassam pelos sonhos  
Dos Colombos juvenis !

BERNARDO TAVEIRA.

Instrucção ! ó san cadêa,  
Que nos prende á cada idéa  
Muita scentelha de luz !  
E's o sol — sublime estrella,  
Que do céo tão pura e bella  
Os nossos passos conduz !

Sem ti, que seria o mundo,  
Esse pélago profundo,  
Encapellado e fatal ? !  
E nós ?... tristes marinheiros,  
Navegando forasteiros  
Sem termos um só fanal !

E's a fagulha brilhante  
Que sempre linda e constante  
Nos chama á voz da razão ;  
E's a senda da verdade  
Espargindo a liberdade  
No mais remoto sertão !

Quereis no mundo a sciencia  
Progredindo em sua essencia ?  
Oh ! dai ao povo instrucção !  
Veremos em cada crença  
De todo o homem que pensa  
Uma idéa de Catão !

Educai as lindas crianças,  
E' a mais bella das heranças  
Que um pai lhes pode legar ;



Patria, familia, historia,  
Tudo repleto de gloria  
Faz o mundo prosperar !

O amor á humanidade,  
A virtude e a liberdade  
Devem ser os seus braços !  
Sim !... educai vossos filhos,  
Mas afastai-os dos trilhos  
De caducas gerações !

No lindo poema da infancia  
Ha muita flor e fragrancia  
Que nós devemos polir ;  
Oh ! no riso da criança  
Ha muita luz d'esperança,  
Ha muita fé no porvir !

ERNESTO MACHADO.

---

## Escuta

Enquanto pelo orvalho é borrifada,  
Conserva a linda rosa a bella côr ;  
Mas vindo o sol ardente o brilho esvae-se,  
E perde a pobresinha o seu frescor !

As petalas, outr'ora tão viçosas,  
Murradas — cobrem agora o ingrato chão :  
Não mais o doce rocio d'alvorada,  
Não mais o grato arfar da viração !

O teu sorriso, meu anjo, era o orvalho  
Que alimentava a rosa — nosso amor ;  
Veio um raio do sol — a indiferença,  
— Crestou-se a infelizmente ao seu calor !

E as lembranças, meu anjo — as seccas pet'las  
Por certo as guardará meu pensamento;  
Porém se um teu olhar não der-lhes vida,  
— Quedar-se-hão no pó do esquecimento !

26 Junho, de 1878.

ARÊAS DE CARVALHO.

---

## No harem

As odaliscas nuas, offegantes,  
Dormiam sobre os leitos perfumados ;  
Lambia a luz da lampada os cortinados,  
Alumiando os pallidos semblantes.

Os seios das olympicas bacchantes,  
Pela mão dos anhelos agitados,  
Se erguiam designaes, descompassados,  
Lindas ondas de marmore palpitantes !

Correu-se mansamente um reposteiro...  
— O olhar de Mohammed se adivinha,  
Altivo, sensual e sobranceiro.

E na lampada a luz quasi definha...  
Fulvo clarão se faz — o derradeiro...  
E o Grão Senhor nas trevas se encaminha...

Côrte — 1878.

LEOPOLDO CHAVES.

---



## Chronica

Eis-nos outra vez na *berlinda*; e embora *préviamente* avisado, ainda não sabemos dizer o *porque*!

Não obstante, faremos um *tour d'esprit*; e tomando a *palavra chronica* n'accção que lhe damos, (1) procuraremos dar o nosso recado do melhor modo que nos fôr possível.

\* \*

Principiaremos entoando hosannas aos novos *salvadores da patria*.  
D'esta vez, sim senhor; vamos ter nada menos do que as *scenas da passada estação*, representadas por actores diversos, é verdade, porém da mesma *força*.

Cá pela cõte o negocio frou-se fino;

Os *empresarios da situação*, querendo que a *opera* *deputados por atacado* tivesse um successo esplendido, distribuíram os papeis a seu bello modo e convidaram o Sr. Octaviano para reger a *orchestra*.

O *maestro* reuniu-a, foi ao *conservatorio de musica*, fez um ligeiro *ensaio* e, certo de que não faria *fiasco*, esperou *le grand jour*.

Contra os antigos costumes, o *theatro* escolhido foi a *Cadeia Velha*, que é o *Scala* dos nossos *parladores*.

Ahi, no dia 5 d'este mez, o novo Bassi empunhou a *batuta* endireitou os oculos, lançou um olhar á *banda*, e quando disse— tudo entra— ninguem *desafinou*! Signal de que a *peça* estava bem ensaiada.

Core de vergonha Sr. Paulino; o seu *bastão de marechal do futuro* nada vale em vista da *batuta* do grande *maestro*.

Porém, meu Deus! Como mudam os tempos!

Outrora o Sr. Octaviano teria escripto:

*Quem passou pela urna em branca nuvem*  
*E em placida calma se elegeu;*  
*Quem não sentio o frio da derrota,*  
*Quem passou pela urna e não soffreu;*  
—Foi cunhado de ministro— não foi homem,  
Não se fez deputado como eu!

Isto diria S. Ex. no temp. em que foi poeta lyrico. E diria a verdade; porque n'aquelle tempo o povo fluminense, mais zeloso da independencia de seu caracter, e menos maleavel ás pressões do governo, tomava para ponto de partida— na escolha de seus representantes— a honra, o talento e a illustração.

Era assim que só tinham entrada no parlamento Euzebio de Queiroz, Octaviano, Saldanha Marinho e outros não menos dignos.

E hoje, meu Deus, e hoje?

(1) Falar bem ou mal da vida alheia, « por calvas á mostra, » não se guardando a ordem dos factos.

Hoje... S. Ex. é realista, e em vez de fazer versos— escreve  
circulares.

Da politica ao theatro— o salto não é grande para um *chronista-tigre*; as analogias são perfeitas; magicas, fantasmagorias, variedade de scenas, tudo se vê, quer n'uma eleição de deputados, quer n'uma representação do *Ali-Babá*; por tanto fallaremos agora de espetaculos.

A este respeito, o Rio de Janeiro é actualmente um céu aberto!

Iriamos longe se fossemos a fallar de todos pelo mundo, e por isso nos occuparemos somente do *Skating Rink* e da *companhia lyrica*: são os dois pólos magneticos da *flôr da gente* (1), isto é, da *elite* de nossa sociedade.

Quanto ao *Rink*, nem sabemos dizer verdadeiramente o que aquillo seja. E' mais do que divertimento, excede ao delirio, aproxima-se da *cachaça*.

Ainda ha poucos dias uma respeitavel e gorda matrona nos disse que já patinava regularmente, e segundo sua opinião, toda a *statica* dos *patins* consiste em se « fazer duro o tronco do corpo e se mexer somente com as cadeiras. »

Só isto basta para encher o *Rink*:

Não ha duvida; o Sr. Normanton encherá ao longe...

Após o *homem-quêda*, (pobre *Battaglia*!) deu para ordem do dia— *The Fire King's*.

Quando lemos o annuncio desta novidade, dissemos cá com os nossos botões: Que bom se o Brasil tivesse um Rei de Fogo! A posição de ministro não seria tão commoda; porque das duas— uma; ou os *cujos* haviam de andar mui direitinhos, ou então, á menor discrepância, estariam todos queimados.

A *Companhia Lyrica*, tendo ao leme o Sr. Ferrari, vai navegando em *mar de rosas*.

Até os grandes órgãos da imprensa, que a principio divergiam tanto em suas opiniões, agora, como que apreciando melhor as per... feições artisticas da Sra. Bianchi Fiorio, já proclamam em côro a excellencia do *elenco*. Bem fizemos nós, que desde o começo procuramos agradar á todos: Assignante da *serie A* e da *serie B*, sustentamos camarote de *primeira ordem*. (2) assentamo-nos em cadeira de 2ª classe, (3) damos palmas a valer, gritamos mais do que o *prelo do leite*, moramos em *Botafogo*, idem no *Sacco do Alfexes*, applaudimos o Tamagno e a Mariani, o Storti e a Pozzoni, o De Sanctis e a Reppetto e... andamos *cahadinho* pela Bianchi Fiorio. Quando vemol-a em scena, airosa, fascinante — imagem da seducção— dá-nos vontade de cahir-lhe aos pés murmurando: *bis... coito!*

(1) Por quem suspira, Sr. Duque Estrada?

(2) Olá, Sr. Ferrari! Não se esqueça do pedido do « mestre » — mande numerar os nossos « assentos. »

(3) Quando baixa o cambio.



Effectuou-se no dia 3 do corrente a inauguração do *Lyceu de Artes e Officios*, no predio em que outr'ora funcionou a secretaria do Imperio, á rua da *Guarda Velha*.

Fallar da utilidade da instituição, do merito dos professores e do aproveitamento dos alumnos — seria repetir aquillo que já está no conhecimento de todos; e no entanto o fariamos de cadeira, porque já nos sentamos n'aquelles bancos. Alli aprendemos os primeiros rudimentos da lingua franceza, sob a direcção de um moço tão habil quão modesto — Carlos de Laet; alli ouvimos lições de Victor Meirelles — esse *maganão* que, pintando as glorias do Brasil, se contenta com a mesma tela —; e de Quirino Vieira — um genio artistico e laborioso — que passou á eternidade deixando-nos, como lembrança do que foi, o bello grupo allegorico que orna a fachada da estação central da estrada de ferro de D. Pedro II, e outros primores de escultura na Santa Casa da Misericordia, no palacete Nova Friburgo, etc., etc.

Por tudo isto, nos regosijamos com as festas do *Lyceu* e fazemos votos pela sua prosperidade, sentindo que já tenham desaparecido dentre os vivos muitos dos que contribuíram para a sua fundação.

Um crime de *lesa-estudantada* acaba de ter lugar na Academia de Direito de S. Paulo: Os *catouros*, tocados naquillo que possuem de mais sensível — o *petto* — reagiram sobre os veteranos. Não sabemos se desta vez ficou demonstrado o principio de que a *acção é igual a reacção*; que foi *contraria*, não parece duvida, assim como tambem não parece duvida de que a policia, sempre disposta a acutillar o povo, investio de sabre em punho, fez ferimentos, levou pedradas — e mais dara se mais tomara.

Em seguida houve um *meeting*, e por deliberação deste a *raia* foi abolida!.

Oh! não eremos! A *raia* não morre assim: Nasceu com as academias e só com ellas ha de morrer. Não se fíem os *catouros* na deliberação do *meeting*; quando menos esperarem — estarão mettidos n'uma *roda de cascudos*.

Nunca! nunca — na nossa vida de *chronista* — os acontecimentos succederam-se como agora. Não ha mãos a medir: Só o congresso das mulheres, em Paris, sob a presidencia de Mm.<sup>as</sup> Deraisme, dava-nos *panno para as mangas*; porem como não podemos transpor os limites do *orçamento vigente*, recommendamos ao leitor, e mui especialmente á leitora as *Notas de viagem* de Ramalho Ortigão, publicadas na *Gazeta de Noticias* de 14 deste mez. E' o mais que, n'um estilo elegante e correcto, se pôde dizer em abono da mulher e contra o fim do congresso.

Não admira: são *notas* de um espirito eminentemente illustrado e observador, o *chronista* não pôde resistir á tentação do *pespegar* aqui um pedacinho dellas: « Propor os meio de vulgarisar a sciencia, de dirigir a casa, de educar o filho, de moralisar o homem, de ennobrecer o lar, tal deveria ser para bom das mulheres o fim do congresso que ellas acabam de celebrar. »

Acham pouco, minhas senhoras?

Inaugurou-se ultimamente em Mácon (França) a estatua de Lamartine. Dando conta desta cerimonia, diz o correspondente do *Jornal do Commercio* :

« Se bem que obra do cinzel de um artista de talento, Falguière, a estatua fica muito longe da perfeição. E' pouco parecida, falta-lhe a graça e a magestade do poeta, e além disso o apresenta com grandes botas, que Lamartine nunca trazia. »

Então o que significa a estatua? Mais uma mentira de bronze? Porque tanta desharmonia com o autor das *Harmonias*?

Se a estatua não é a representação fiel do poeta-ministro, quebrem-na. Elle não precisa de estatuas; cinzelou-as á bico de penna, escrevendo os *Girondinos*, *Graziella*, *Jocelyn*, *Fior de Aliza*, e outras gemas do seu talento, que hão de ser sempre lidas com interesse e que melhor nos fallam delle do que quantas estatuas lhe possam erigir.

Dizem-nos lá d'Allemanha, patria do Sr. Bismarck, e terra d'onde nos vem os melhores colonos, que fôra, finalmente, executado o regida (?) Haedel. Causou-nos arripios a descripção dos aprestos que se fizeram para semelhante acto. Só a *encommenda* daquelle *cutebello especial*, em forma de meia-lua, para decepar a cabeça de um miseravel, que, matando o rei, julgava quebrar o elo mais forte da cadeia oppressora do seu paiz, nunca mais nos ha de sahir da memoria. Estes reises !...

Passa como cento que os Srs. Christiano Ottoni, Saldanha Maranhão e Costa Lima resignaram a vereança, em consequencia de ter sido rejeitada a proposta que fizeram no sentido de serem demittidos os actuaes engenheiros da Camara Municipal. Bem feito! Quem os mandou querer innovações? Não sabem que o direito do anzol é ser torto?

Depois de um grande *dize tu que direi eu*, entre o Sr. ministro da fazenda e o supremo tribunal de justiça, resolveu este conceder *habeas-corpus* ao Sr. Saturnino da Veiga, ex-thesoureiro das loterias da Côrte! Ora, acôrca desta questão temos uma idéa muito original : é que para nós a substituição do Sr. Saturnino não adiantou coisa alguma; temos comprado bilhaes á miúdo, e elles continuam a sair branquinhos como d'antes. Cuidado, senhor novo thesoureiro: Olhe a prisão administrativa !...

Lemos ultimamente, no *Cruzeiro*, que Victor Hugo está escrevendo ao mesmo tempo dez obras, umas em prosa e outras em verso. Azeite ! dissemos então; aquillo não é mais cabeça; é um volume de idéas, co-roando um corpo de homem !

A *Reforma*, a *Gazeta de Noticias* e o *Diario da Tarde*, têm sido ultimamente de uma amabilidade extrema para com a *Revista*; quando vêm-na — desfazem-se como caramélos. Desconfiamos que anda por ali algum azeite; pois olhem — não lhes gabo o gosto; a *Revista* é volúvel



como todas as mulheres; ama com a mesma facilidade com que *desama*.

« Porém... os *chronistas*... »

Quaes *chronistas*, nem *Manéis chronistas*! Os *chronistas* são dois *jacares*: quem viu a cara de um, viu... a do outro.

\* \*

Dá licença senhor *Besouro*?

Como vae o seu *macaco*?

Nós, na qualidade de *enviado* dos poetas da *Revista*, viemos apresentar-lhe as nossas *credenciaes* e dizer-lhe que os *ditos* em breve estarão preparados para uma *sabbatina* de medição de versos em todos os *systemas*, antigos e modernos:

Consideram V. S. um jornal de *peso e medida*, *metrificador* eximio, e promettem não infringir mais as regras do *metro*. Sem mais assumpto — as suas ordens; recomende-nos ao *monó* e também ao *Fim-fim*.

\* \*

Esta *chronica* já cheira á massada, já está por demais annotada, — e é mister concluir-a.

6 faremos pedindo ao Sr. Barbosa Rodrigues que cesse a sua perseguição contra os *innocentes porquinhos da India*.

Como é sabido, este senhor tem ultimamente se occupado de uma questão de grande alcance para o mundo scientifico: provar que o *chlorureto de sodio*, NaCl, (1) é um poderoso antidoto contra o envenenamento pelo *curare*.

Neste sentido tem feito repetidas experiencias, e segundo o *Cruzeiro da tarde* do dia 6 do corrente, a mais solemne teve lugar no dia 1.<sup>o</sup> deste mez, em que até — um cão adulto de raça pequena — *pagou o pato*, sendo *filado* na occasião em que passava mal lampeiro pela porta da casa em que funcionava o congresso scientifico.

Quiseramos assistir á esta sessão, somente para ver o *descalabro* da cara do Sr. Dr. Lacerda Filho, ao ver confirmadas em cinco experiencias consecutivas as proposições do Sr. Barbosa Rodrigues, que o mesmo senhor doutor pretendia negar.

Dando nossos parabens ao illustre naturalista brasileiro, felicitamos aos que vivem expostos á flecha do *gentio*, pela maravilhosa descoberta.

\* \*

E agora, que já impingimos a nossa *pilula*, sahiremos gritando: O', seu mestre! Venha tomar conta de sua *futrica*, e cuidado com o *Besouro*, que está *damnado*!

M. V.

A' ultima hora. — Fresquinho, temos ainda sobre a mesa o 1.<sup>o</sup> numero da *Revista Americana*, publicação scientifica, artistica e litteraria, que, segundo o seu programma, sahirá nesta Corte duas vezes por mez.

Nella collaboram moços cujos nomes já conhecidos na imprensa, e alguns na tribuna, constituem a melhor recommendação que póde ter um jornal, e dispensam-nos elogios que ficariam sempre áquem do merito de cada um delles.

(1) *Sol de casimira*, o genuino da nossa *panella* e não o chimicamente preparado.

Não obstante, diremos que os artigos e poesias do numero que temos á vista, revolam da parte de seus autores muito estudo, muito cultivo intellectual e muita proficiencia nos assumptos de que se occuparam, e, a continuar assim, a *Revista Americana* em breve poderá mudar de *tableta* e passar a denominar-se: *Cofre de perolas scientificas, artisticas e litterarias*.

Grande foi a nossa surpresa quando, chegando ás ultimas paginas, cantinho onde se acocóra o *chronista*, encontramos um *typo* de casaca, claque e pastinhas, que se não era o *mestre*, era *Belzebuth* em figura d'elle.

Sem tempo para verificarmos a sua *identidade*, sauda nos fraternalmente aos novos collegas e fazemos votos para que, transpondo as barreiras do indifferentismo, obtenham grande numero de leitores — assignantes.

Seríamos injusto se, dando esta ligeira noticia, não fallassemos do trabalho typographico: dizendo que este se acha confiado ás officinas do Imperial Instituto Artistico, julgamos ter dito a ultima palavra acêrca de nitidez, esmero e perfeição.



Mais um *tiquinho*: Deixem o *chronista*, que é christão e brasileiro, abrir as valvulas da gratidão e dar um *braço* á Bordallo Pinheiro pelo modo philanthropico com que acolheu o irmão Ignacio, enviado por Fr. Hyapina, para solicitar do povo fluminense uma esmola em beneficio dos VINTE estabelecimentos pios, fundados por aquelle venerando sacerdote nos sertões do Norte do Brasil.

Abrindo uma subscripção para este fim, e á elle destinando o producto da venda avulsa do n.º 25 do *Besouro*, Bordallo Pinheiro mostrou que alem do espirito faceto e satyrico com que flagella os que lhe cahem sob a ponta do lapis, possui tambem o espirito que falta á muita *gente seria* — o da caridade.

Nobre e generoso artista! Dirigindo-te estas linhas — que desaparecem ante a grandeza da tua ideia — o *chronista* não tem em mira *passar-te mel pelos beigos*: Não, meu gaiato! Quando os *troradores* da *Revista* desentoarem, quando desprezarem o *metro* — dá-lhes de rijo.

V.



P. S. — Aos assignantes da *Revista* que não se acham em dia com o pagamento de suas assignaturas — enviamos saudades: Não se esqueçam da *gente*: sim?



## ASSIGNATURA

Anno.....	6\$000
Semestre.....	3\$000
Numero avulso.....	\$500

Pagamento adiantado.

Recebe-se a correspondencia e assigna-se na  
Livraria Encyclopedica dos Srs. Maia & Ramos

RUA DE S. JOSE N. 113